

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura apresentam



OOLHAR DOSVIZINHOS NOJORNAL DAZONA

RIO DE JANEIRO :: 2023 :: 6ª EDIÇÃO

Apresentação

É com muito orgulho e alegria que apresentamos a sexta edição de O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona. A publicação é resultado do projeto Vizinhos do MAR, realizado pela Escola do Olhar - nosso polo de pesquisa, pensamento e formação permanente, voltada, especialmente, para a prática e reflexão a partir das relações entre educação e arte.

Sabemos que construir coletivamente um jornal é partilhar de uma revoada de sonhos, narrativas, ideias e aspirações. Por isso, poder abrir o espaço do Museu de Arte do Rio para a promoção do debate e da troca é uma das nossas principais missões e objetivos. Ao longo do ano, as equipes da Escola do Olhar, juntamente com os nossos vizinhos, elencaram questões importantes para serem discutidas. O Relatório de Diagnóstico Territorial que realizamos foi um indicador determinante para compreender o que as pessoas do nosso território esperam de um Museu. As reflexões e impressões de mais de sete mil pessoas não só nos pautaram como nos ensinaram muito.

Por meio de suas perspectivas, construímos e produzimos um jornal onde, em cada texto, ampliamos as memórias, os saberes e as experiências dos nossos vizinhos. O Museu de Arte do Rio acredita no poder da palavra, seja ela escrita ou falada. Compreendemos que um jornal cumpre um papel determinante como um instrumento democrático onde cada colaborador está retratado através do afeto genuíno, da informação verdadeira e das histórias que irão se perpetuar. É uma grande satisfação ter o Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona como um instrumento de resistência e avanço, onde a beleza da arte, a importância da vida, o resgate da ancestralidade, a infância, a diversidade e a inclusão são pautas constantes e permanentes.

Uma boa leitura a todos e todas.

Leonardo Barchini

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

Sandra Sérgio

Diretora Executiva do MAR

Coordenadora Nacional de Projetos Especiais

da OEI no Brasil

O Que Pode Ser Um Museu?

“A conversa, a alegria de estar com amigos, a felicidade que se sente quando se ouve uma música, o prazer de ler, de ver um filme, a emoção ante a beleza, as festas por um nascimento, o recolhimento coletivo no velório noturno, a alegria de cozinhar com alguém, compartilhar uma refeição, tudo isso forma uma rede social que nos faz viver. A cultura nos leva de volta à interdependência humana.

*“Não é a epopeia que conta a história dos anônimos. É o relato”. **

Gestos do cotidiano; ritualizar os cafés nas manhãs de todo segundo sábado do mês; conversar; conhecer histórias e gente. Encontros atravessados pelos diálogos ou pelo ato insistente de querer criar múltiplos signos, significados e sonhos de um tanto de olhares a partir de paredes que constroem, cotidianamente, o que chamamos de Museu de Arte do Rio localizado na Zona Portuária. Era final de 2022 e colecionávamos inquietações sobre o que estávamos construindo no museu para 2023 e para o nosso programa dos vizinhos.

Construímos, junto ao planejamento de 2023, uma pesquisa com moradores da Zona Portuária – com o Museu do Amanhã e por meio da metodologia da instituição Crescer e Viver – sobre o que nossos vizinhos pensavam ser esses museus e, o mais importante, o que criavam em seus imaginários, o que gostariam de ver nesses museus? O movimento da construção e realização dessa pesquisa extrapolou seus objetivos iniciais, fazendo-nos debruçar, ao longo dos cafés de 2023, sobre a questão: o que é um museu e o que pode ser um museu?

Mergulhamos, ao longo desses meses, nas histórias das pessoas que constroem, cotidianamente, todo o corpo que estrutura o que estamos pensando e construindo como o que é um museu. Neste jornal você vai ouvir falar da Dona Sônia, do Moisés, do Sidnei, do Quinzinho, do Antônio, da Monique e de tantas outras pessoas. Vamos falar de memórias, de afetos, de territórios, de infâncias, de fazer arte, cultura e educação. O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona tem como proposta falar do que estamos vivendo, do que desejamos inventar e imaginar; de como

podemos conhecer, conservar e preservar coisas que fazem parte da nossa vida; de objetos que podemos olhar e tocar; de compartilhar histórias – essas que nos fazem sermos seres singulares, mas que também nos constroem coletivamente, constroem nossos desejos, nossas lutas.

Neste ano de 2023, nossos cafés com vizinhos foram preenchidos por pessoas idosas, adultas, jovens e crianças. Juntamente com toda vizinhança presente, criamos o desafio de construir manhãs que pudessem se transformar em *coreografias possíveis* de serem realizadas a muitas mãos e muitas idades. E, vivendo essa coreografia, pensamos num único material – nosso Jornal dos Vizinhos de 2023 – que pudesse ser construído e desconstruído por diferentes públicos. Por isso, convidamos as crianças de todas as idades a recortarem, montarem e pintarem esse material. Desejamos que ele, como a construção de um museu, possa sempre oferecer diferentes maneiras de apreender o mundo.

Como diz Vergès, compartilhar as diferentes maneiras de ver e viver o mundo, formar “uma rede social que nos faz viver”, sendo a cultura o que nos “leva de volta à interdependência humana”.**

Patrícia Marys

Gerente de Educação e Escola do Olhar

* VERGÈS, Françoise. Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

** Idem.

Onde A Vizinhança Se Encontra

O Jornal deste ano entra na conversa com as edições anteriores, conversa com pessoas e projetos que demonstram as potências artísticas, culturais e políticas da Zona Portuária - a nossa Pequena África.

Ao longo dos 10 anos da relação museu-vizinhos, desenvolvemos juntos ações, oficinas e visitas com o desejo de alargar as paredes brancas do museu; causar desequilíbrios, a fim de promover deslocamentos e possibilitar outras perspectivas museais. Para tanto, buscamos um museu que seja permeado por narrativas da região.

Os insumos desta edição do Jornal dos Vizinhos surgiram desses encontros, às vezes dentro e nunca fora do MAR, porque o mar se espalha e transborda para além dos seus muros. Durante esses encontros as crianças foram protagonistas, o que fez com que pensássemos numa forma de melhor incluí-las no programa. Isso, com o tempo, caiu por terra, porque o que necessitávamos, afinal, era incluir o programa no universo delas. A edição que está em suas mãos expressa esse movimento: ao invés de apenas acessibilizar o museu para as crianças, buscamos conhecê-las melhor para então o museu ter real acesso a elas.

Esta edição é atravessada pela inversão de não subordinar os vizinhos ao museu, mas o contrário. Daí trazermos ludicidade atrelada às narrativas locais, assim como apresentarmos os projetos culturais existentes no território e os agentes que o mobilizam, reafirmando o compromisso da Escola do Olhar com as pessoas da Pequena África e com nos perguntarmos, independentemente de nossas idades: o que é um museu?

Robnei Bonifácio

Educador de Projetos da Escola do Olhar

Ruanna Sannder

Produtora e Articuladora Territorial

o que é um museu?

uma instituição permanente?
sem fins lucrativos?
a serviço da sociedade?
ao seu desenvolvimento?
aberto ao público?

(o museu somos nós!!!)

que adquire coisas?
que as guarda?
expõe?
conserva?
restaura?
a síntese?

um inventário?
uma prática?

(o museu somos nós!!!)

com paredes?
tetos?
objetos?

com portas?
trancas?

que descobre?
encobre?

uma promessa?
um sonho?
uma forma de pensar?
de ver a vida?

o filho de orfeu?
um templo?
uma sala no liceu de aristóteles?

que põe sentido nas coisas?
que as desloca do lugar?
o verbo?

que afasta pessoas?
que as aproxima?
que adjetiva?

o museu somos nós!!!

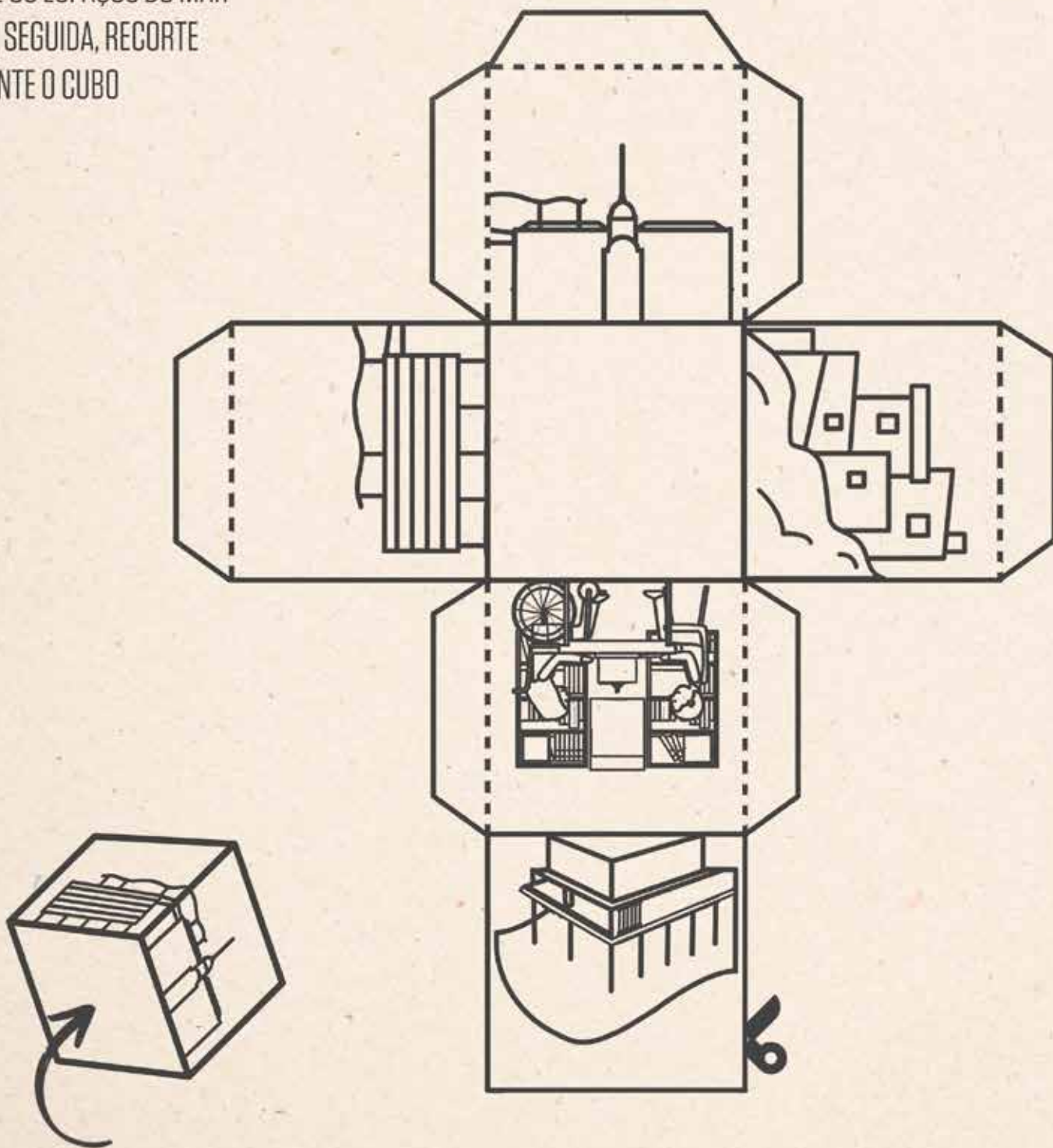
sem portas
paredes ou teto
o abstrato
a memória
o afeto
o próprio encontro
e os desencontros de nós a história
o poema.

por sidney machado
*Poeta, mediador, criador e
desapresenta-dor do
Sarau Outros Rolês*

MONTE O CUBO

NÃO
CORRER
SOBRE

PINTE OS ESPAÇOS DO MAR
E, EM SEGUIDA, RECORTE
E MONTE O CUBO



Ah! Tem uma parte em branco no cubo para você desenhar seu lugar favorito ou o lugar que gostaria que tivesse no MAR!

Sumário

		Itinerâncias	10
		Museu a céu aberto	12
		Que percurso é esse?	16
22	Coreografias da Região		
24	Um passo de cada vez		
26	Um caracol bem diferente		
30	Museu de Arte e Vida		
		Infâncias no Território	34
		Caminhos possíveis	36
		Memória dos nossos	38
40	Considerações Finais		

ITINERÂNCIAS





ITINERÂNCIAS

MUSEU A CÉU ABERTO



A Zona Portuária é um eterno território em disputa, e uma das principais é a narrativa. Lá atrás, o pintor, cantor e compositor Heitor dos Prazeres denominou a localidade de Mini África. Com o passar do tempo, o termo foi substituído por Pequena África, talvez por não terem gostado da nomenclatura dada pelo artista. Por um gesto político e de reparação à memória de Heitor dos Prazeres, tenho trabalhado em meus passeios guiados com a noção de Mini África, pois quando ele fala em Mini África, está se referindo não só a esse recorte geográfico, mas ao contingente de homens que moravam na Gamboa, Saúde, Rio Comprido, Catumbi, Escondidinho, Tijuca, Morro do Salgueiro, Mangueira – esse povo todo que ganhava a vida como estivador no porto do Rio. Heitor não falava em Mini África só pelo fato de a Zona Portuária ter um montão de negros. É porque todo esse contingente de moradores masculinos, todo mundo trabalhava na estiva. Meu pai era um homem da estiva.

Nasci no Hospital dos Servidores há 68 anos e me criei no Morro de São Carlos, ali no Estácio. Estudei em uma escola pública (Eurico Gaspar Dutra, no São Carlos) e em outra particular (Escola Vitória, no Estácio)

pertencente a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Nessa instituição, participei da minha primeira peça de teatro, onde representei um jovem escravizado. Esse episódio foi um divisor de águas na minha vida, e me gerou muitas questões, dentre elas, se pertencia ou não àquela comunidade. Afirmo categoricamente: não foi uma boa experiência estar naquele lugar.

Cresci numa família simples e, como disse anteriormente, meu pai era estivador e minha mãe costureira. Com eles, com minha família e com a comunidade, aprendi tudo do bom e do melhor. Eram pessoas com muitas referências, como se cada uma fosse museu individual, carregadas de percepções e atravessamentos. De certa forma, segui os passos de meu pai, que era um verdadeiro comunicador.

Ele foi locutor da Escola de Samba Cada Ano Sai Melhor, que também se chamou Para o Ano Sai Melhor e Segunda Linha do Estácio. Essa agremiação desfilou pela primeira vez na década de 1930, e foi uma das entidades que originaram a Unidos de São Carlos, atual Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá. Papai era um boêmio e também foi metalúrgico, militante

do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e candidato a deputado federal pela UDN (União Democrática Nacional) na década de 1960.

Anos depois, me tornei integrante da mesma associação de moradores da qual ele foi diretor e vice-presidente. Em 1978, me tornei membro fundador da FAFERJ (Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro) e, posteriormente, criei o Cineclub Rio Zona Norte, inaugurado pelo Cineasta Nelson Pereira dos Santos e pelo ícone-ator Grande Otelo.

Adentrando a Mini África

Guimarães Rosa dizia que “o sertão é sem lugar, o sertão é do tamanho do mundo, o sertão está em toda parte, o sertão é dentro da gente”. Posso dizer que a Mini África está dentro da gente, nascidos ou não na Zona Portuária. Por acaso, ou não, nasci aqui, bem no coração da Saúde e, desde 1980, me dedico a fazer itinerâncias pela Mini África. Posso afirmar que em determinados momentos do percurso não sou eu quem está ali, mas um personagem que viaja por esses espaços. Porque, na verdade, se tornou um negócio tão comum para mim, que poderia fazer até de olhos fechados. Amanhã, se eu perder a visão, consigo realizar o





Foto :: Douglas Dobby

percurso pelo costume, por ser uma freguesia da minha área.

Em 1986, já pesquisava através do Comedine-Rio (Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro), em um projeto chamado As Mãos Afrobrasileiras – que tinha como objetivo levantar os feitos realizados pelos africanos escravizados na cidade do Rio de Janeiro. Na medida em que fui estudando elementos importantes da nossa cultura, isso me levou a empreender cada vez mais os conhecimentos, até chegar ao processo do saber atual.

Com o tempo, fui percebendo que muitos vizinhos possuem informações preciosíssimas sobre a região, o que fortalece demais a ideia de um museu de território, possibilitando a comunidade a participar de seus projetos museológicos. Na itinerância mais recente dos meus passeios guiados, vimos alguns gradis nas sacadas das casas do Largo da Prainha. Ao se falar do gradil, contamos a história dos portais de pedra que são todos encaixados, sem cola. É interessante porque

você pode falar tudo isso andando e mostrando para as pessoas. E eu, como trabalhei como ferreiro, sei o que é ferro de fundição, ferro de dobradura, eu sei o que eu chamo de ferro moldado. A maioria dos guias não sabe, até porque você não tem referências sobre isso escrito no Rio, não tem literatura sobre. Tem até literatura sobre as pedras, que são os portais, mas não tem nenhuma literatura sobre essas fundições, pois isso tudo, basicamente, acabou sendo apagado.

Pensando na trajetória pela Zona Portuária, determinados elementos no meio do caminho têm grande relevância, mas muitas pessoas querem fazer o roteiro o mais rápido possível, e quando você faz isso depressa, perde várias coisas importantes. Então recomendo sempre que a gente vá com calma, apreciando os grandes pontos de decisão desse caminhar, como a Pedra do Sal, um lugar cheio de elementos, o Cais do Valongo e o Cemitério dos Pretos Novos.

Nós podemos classificar como Patrimônio Cultural tudo aquilo que nos

permite resgatar a história e as raízes de um povo, grupo social e até mesmo de uma nação, seja na forma material – como obras de artes, parques naturais e sítios arqueológicos –, seja na forma imaterial – como efemérides e cultos religiosos. Aqui na nossa região, temos de tudo um pouco. Até um Patrimônio Mundial da Unesco, o Cais do Valongo.

E como já é de praxe, nossos passeios no território do Circuito de Herança Africana, na Mini África, ficam cada vez mais gloriosos. Ao fazê-los com os vizinhos do Museu de Arte do Rio, aprendemos ainda mais sobre o território, e, na medida em que pudermos ampliar nosso itinerário, nos aprofundaremos cada vez mais nesse museu a céu aberto.

Antônio Carlos Rodrigues
Guia desde 2003 por circuitos no Centro e Região Portuária

Daiani Araujo
Educadora da Escola do Olhar

“

**A Zona Portuária é um eterno território em disputa
e uma das principais é a narrativa.**

Antônio Carlos Rodrigues — Guia desde 2003



Foto :: Douglas Dobby

ITINERÂNCIAS



Foto: Rita Valentim

Que Percurso é Esse?

O que é um museu? Se jogarmos no Google, teremos de cara a seguinte definição: “É uma instituição dedicada a buscar, conservar, estudar, comunicar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico e cultural”.

Talvez essa seja a resposta mais comum, a mais simplória. E foi a partir dessa provocação que os educadores do Museu de Arte do Rio iniciaram os encontros da quinta edição do projeto Percursos Formativos, um programa desenvolvido pela Escola do Olhar, que tem como objetivo promover experiências de formação e inserção profissional e pessoal de jovens moradores de regiões populares da cidade. Em 2023, o projeto teve um recorte para moradores da Zona Portuária do Rio de Janeiro – Caju, Saúde, Gamboa, Santo Cristo, Morro da Providência, Pinto e Conceição.

A escolha dessa área da cidade se justifica pelo fato do MAR se entender como uma importante instituição para a promoção cultural e desenvolvimento social da região, e que parte da noção de territorialidade como entrelaçamento entre território e identidade para o fortalecimento da construção de pertencimento – um dos temas primordiais da edição deste ano do projeto Percursos Formativos.

Nessa caminhada, os participantes Ignia Laxxota, Bruna Almeida, Camilla Brito, Vinicius Almeida, Thaynar Vieira, Bruna Ferreira, Alexandre Araújo, Luís Felipe Duarte, Rafaela Rodrigues e Moisés Oliveira puderam entender melhor sobre os bastidores das diversas áreas que compõem um museu, tais como: pesquisa, curadoria, práticas artísticas, museologia, educação, comunicação, produção cultural e administração. Além disso,

debateram profundamente sobre sonhos, pensamentos coletivos, camadas de apagamento, transitoriedade, ancestralidade e construção de acervo a partir de objetos afetivos.

Pensando museus como espaços que constroem pontes entre conhecimento e vivências, os jovens do Percurso puderam experimentar o MAR como uma escola, pela compreensão mais ampla da ideia de museu como um espaço para investigação. É possível que eles tenham encontrado outras respostas para a nossa pergunta inicial.

E uma das formas de encontrar respostas foi através de exercícios práticos, como o jogo dos objetos afetivos, onde os participantes compartilharam suas recordações a partir de elementos pessoais. Essa prática auxiliou no entendimento sobre pertencimento, história e como essas ideias se relacionam diretamente com conceitos museais.

Abaixo podemos conferir um pouco como foram esses compartilhamentos.

Ignia Laxxota - O Museu não é só tela. É performance, atuação, leitura, transbordar, transcender e ultrapassar as limitações que impedem nossa integração com o lugar. Trocas e conversas com os museus e suas exposições servem para contrariarmos a nós mesmos e ao próprio museu. A ideia do museu como espaço elitizado precisa ser desconstruída para vincular pessoas. Acho que o MAR foge desse lugar elitista que vemos sobre o que é um museu nessa perspectiva formal, culta. Acho que o museu é muito um lugar terapêutico, de refúgio, onde posso viver outra realidade. Você, literalmente, vive o que não se tem todos os dias. A gente pode simplesmente achar que não faz sentido nenhum, mas em outras camadas isso bate de outra forma. Também considero que tem essa construção do que é afetivo e

significativo pra gente. Se a gente vai na casa de uma avó, tem todo aquele ritual de coisas antigas. Sente estar num museu. O museu deve expandir caminhos e ir até as pessoas.

Bruna Almeida - Ambiente de acolhimento, servindo a usos não restritos à observação da arte. Acho que um museu vai além da instituição. É tudo o que nos atravessa. Por exemplo, aqui na Providência tem um museu a céu aberto, que não tem uma “estrutura” de museu. O museu é o próprio caminho que você faz pela Providência. Tudo o que nos atravessa e tem uma história por trás.

Camilla Brito e Thaynar Vieira - Apresentar nossos objetos já é um museu.

Vinicius Almeida - É recorte, pois não suporta tudo, por isso é uma abreviação de corpos, vivências, lares e meandros; são partes da gente e descobertas através de pessoas. Um museu é uma escolha sobre o que se quer falar, um recorte da realidade. É transformação, não é só passado. É permitir ultrapassar limites.

Bruna Ferreira - Acho que o museu sai muito do eixo, entramos em outra realidade. É diferente a experiência. Nem todo museu é uma crítica à idealização do eurocentrismo. Nesse debate, quando a gente pensa em museu, estamos muito inseridos na realidade do MAR.

Alexandre Araujo - Acho que pensar num museu hoje, museu contemporâneo, é meio como um cibercafé. Você vai ali tomar café, mas não é a única coisa que encontra. O museu tem propostas muito amplas, como no MAR e no Museu do Amanhã. Pensar o MAR, por exemplo, que não é só museu, é escola. Mostrar o que é a região e os temas que a envolve. Poder contar e conectar pessoas para além de um contato somente com a arte. Possíveis usos e acessos diversos pelas oportunidades que são oferecidas

através da política e das atividades propostas no próprio museu.

Luis Felipe Duarte - Museu não se resume só ao passado, traz o futuro. Não é feito só de objetos, mas de pessoas e suas perspectivas, ampliando, assim, as visões e as possibilidades de serem construídos. Não é um final; não são somente respostas; muitas vezes, gera desconforto e novas dúvidas. Preservação de culturas e etnias extintas pela violência estatal e por processos sociais que as excluíram ou marginalizaram.

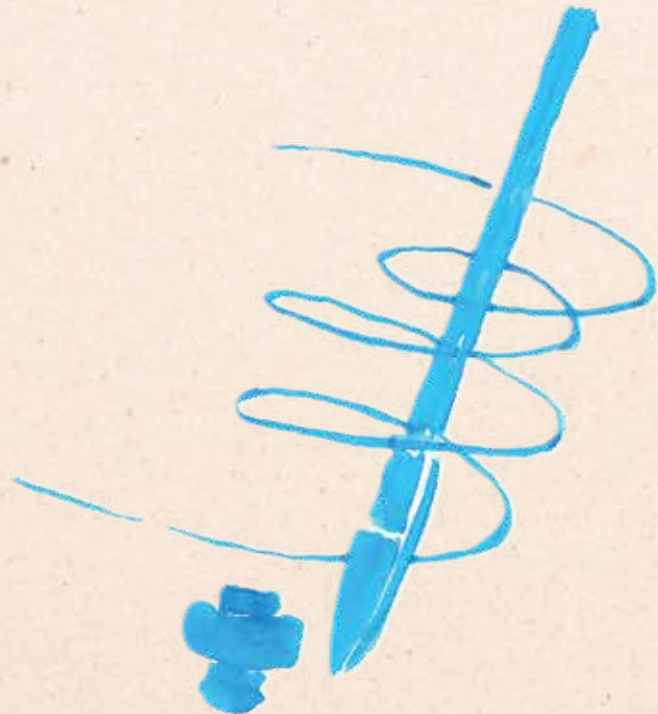
Rafaela Rodrigues - O museu é um lugar de memória, lugar de fazer memória e trazê-la à tona. Uma memória, às vezes, fora do eixo da Europa branca, masculina. O projeto que tem no MAR é maneiro, pois tira o foco desses eixos com as exposições do Jaime Lauriano, da Carolina Maria de Jesus. Às vezes, nos conectamos com o que está distante ao invés de vermos a Zona Portuária.

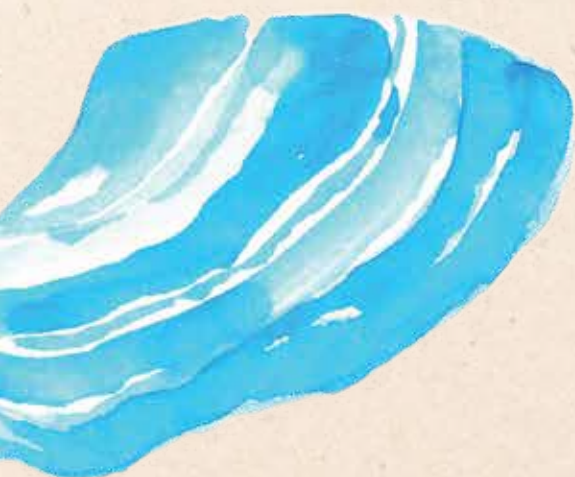
Moisés Oliveira - Pra mim museu é um lugar de exposição do plural. Lugar de histórias e culturas. O museu é sentimento. Sentimento e personificação de pessoas, vivências e culturas diversas.

Marcela Miranda - Museu é um lugar de memória, presença e troca. Museu tem a ver com compartilhamento: de olhares, recortes, partes da realidade... que remete à alegria, no meu imaginário.

Alexandre Araújo, Bruna Almeida, Bruna Ferreira, Camilla Brito, Ignia Laxxota, Luis Felipe Duarte, Moisés Oliveira, Rafaela Rodrigues, Thaynar Vieira, Vinicius Almeida
Percursos Formativos 2023

Marcela Miranda
Coordenadora pedagógica do projeto Percursos Formativos





Cronologia do MAR

Dentre 200 apenas 10 escolhidos
Desconhecidos e distintos
Reunidos pelo destino
Conhecendo desconhecidos
Quebrem o gelo virem amigos

Brincadeiras que parecem sem sentido
Nos unem no objetivo
Descobrimo mediações
Confusos na indecisão
Nos levam a diversão

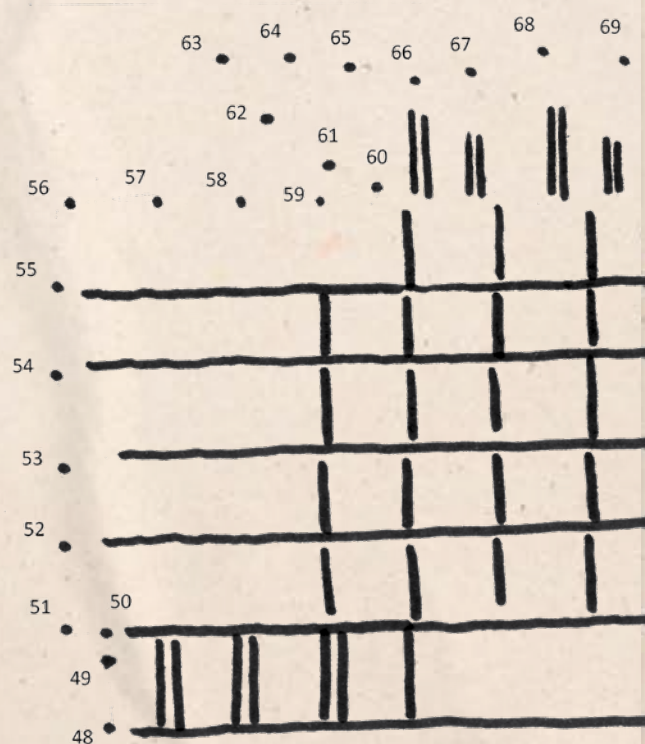
Co.ligados pelo led
Curtindo os brindes grátis
2 dias de emoção
Emocionados por histórias
Em objetos que são memórias

Memórias monumentais
Museus contam histórias reais
Coletividades imparciais
Ouvindo as ideias
Unindo os demais

Reunidos à mesa
Com museólogos
Musealizando as ideias
Expondo os ideais
De pessoas históricas
Com ideias reais
De Carolina Maria
Escritora sagaz...

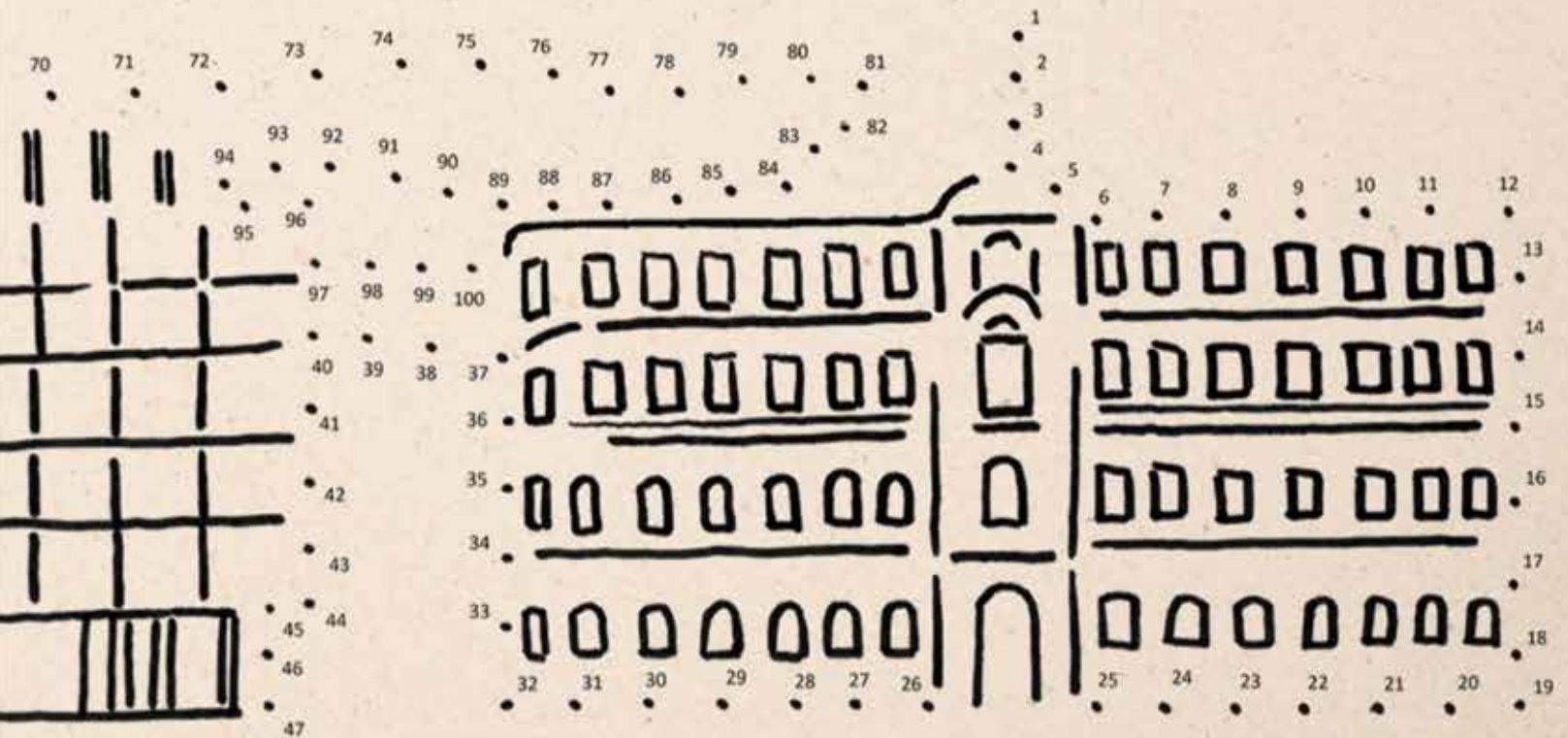
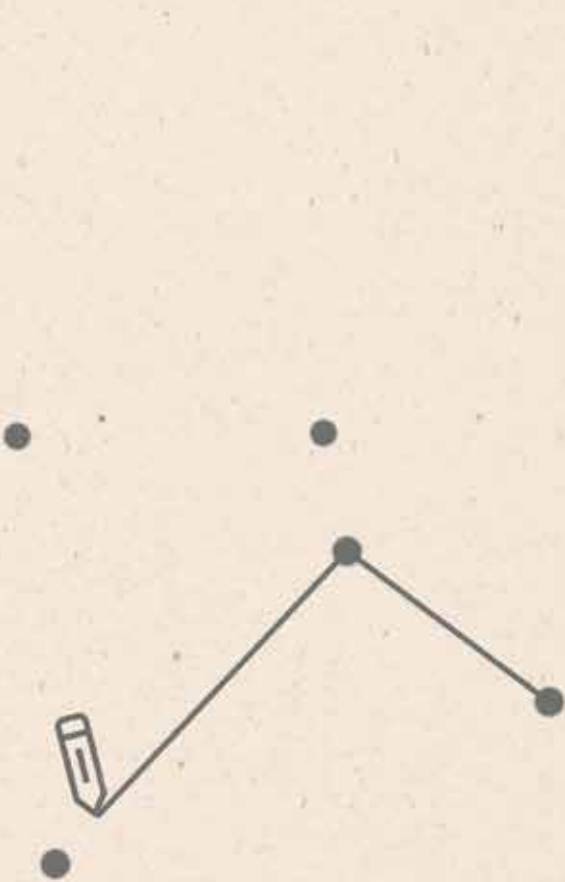
Por Moisés Oliveira

*Um baiano excêntrico,
pensador cativo, calmo,
observador e silencioso.
Sempre fluindo, como um
fluxo d'água, mudando
conforme a área, "uma gota
de água doce ao mar"; uma auto
percepção, sobre a alma.
Não é o centro da atenção,
se expressa pela ação, de criar
textos, poemas ou uma canção.
Prazer esse sou eu, Moisés,
mas o que o nome diz,
Já se perguntou, quem é você?
O seu nome não é suficiente
pra alguém te conhecer*



LIGUE OS PONTOS

de 1 a 100 e descubra a figura.



COREOGRAFIAS DA REGIÃO



Museu
DOS
SENTIMENTOS







Um Passo de Cada vez

Durante a infância, Wilma Maria assistia às aulas de um grupo de balé pelo lado de fora do salão. Um belo dia, ao perceber ali a presença da jovem, a professora Regina a chamou para dançar e ainda disponibilizou uma bolsa de estudos na escola. Começava assim a carreira da artista, que há 35 anos atua como professora de balé. “Eu pensava: quando me formar, darei bolsas para meninos e meninas. Hoje, metade da minha turma faz aulas gratuitamente”, comemora.

Wilma trabalha vivendo o seu sonho de infância. Assim como ela, uma de suas alunas, Luisa, de 6 anos, observava as aulas pelo lado de fora da quadra da Arena Samol, local de eventos no Morro da Providência. Preocupada com a inclusão, Wilma ofereceu uma vaga à menina. Atualmente, cerca de 300 crianças entre 2 e 14 anos já passaram pelo

projeto, que no início ainda não tinha nome. Foi num acaso, em que sua filha desenhava estrelinhas quando pequena que surgiu a inspiração para o projeto: Dance Star.

Para participar, as crianças precisam estar matriculadas em escolas e devem tirar boas notas. Ao longo de quase quatro décadas, a Dance Star encaminha alunas e alunos para exames no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. As turmas de gerações mais novas já tiveram a oportunidade de assistir ex-alunas que passaram pelos exames. Formandas de Wilma já foram se apresentar até mesmo no exterior.

“Eu sou uma professora apaixonada pelo meu trabalho e acredito profundamente no poder da educação. O projeto que coordeno é muito mais que uma iniciativa educacional. Cada dia eu me dedico a ensinar não

apenas conteúdos do mundo da dança, mas valores e habilidades essenciais para a vida, além de apoio emocional. Pra mim, ser professora não é só uma profissão, mas uma vocação. Além de educadora, me considero amiga dos meus alunos, e estou aqui para ajudá-los a crescer. Muitas crianças, depois que entram no projeto, mudam seus comportamentos, tornam-se mais confiantes e expressivas. Ver essas transformações me enche de alegria e confirma que estou no caminho certo. Uma frase que sempre guia o meu trabalho é: gosto de mostrar resultado. Para mim, não se trata apenas de avaliação, mas do desenvolvimento pessoal que cada aluno alcança. Acredito que cada pequena conquista é uma vitória para o nosso território. E por que eu faço tudo isso? Porque amo. Amo ensinar, amo meus alunos e amo ver o brilho nos olhos deles quando compreendem algo novo. Ensinar com amor é a essência do que faço, pois sei que é o amor que inspira, motiva e transforma vidas”, revela Wilma.

Itinerância do projeto e impactos territoriais

Você já se perguntou sobre as histórias que permeiam os projetos sociais e culturais? O Dance Star, por exemplo, tem uma trajetória única e inspiradora. Já funcionou na Praça da Harmonia, na Pedra do Sal, no Morro da Conceição, na Penha, e até mesmo dentro de uma igreja. Wilma não apenas ensina, mas faz questão de deixar metade das crianças de sua turma nas portas das escolas para auxiliar as mães, aumentando assim a dimensão comunitária e territorial do projeto. “É uma maneira de ampliar os laços e impactar vidas, transformando fragilidades em força. É como se fosse um passo de dança por vez”, comenta.

Por existir há mais de três décadas, o Dance Star recebe hoje filhos e até netos de pessoas que já passaram por turmas anteriores. “Perceber esse movimento é muito bom, porque parece que

estou voltando no tempo. É uma coisa linda ser reconhecida, e posso afirmar: não tem preço”, comemora.

Autonomia das crianças e coletividade

A gênese do Dance Star é a autonomia das crianças e o poder da coletividade. No projeto, até as mais jovens ensinam e compartilham conhecimentos com aquelas que acabaram de chegar. A tradição de ensinar umas às outras é tão estabelecida quanto inspiradora. As crianças não apenas aprendem passos de dança, mas têm a liberdade de desenvolver coreografias, escolher músicas e expressar suas ideias em colaboração com a Wilma.



Num diálogo constante com a professora, as crianças escolhem as músicas para suas apresentações. Elas têm o poder de decidir e moldar seu próprio caminho artístico. “Isso é algo que elas sabem apreciar profundamente, especialmente porque em danças como o balé, essas escolhas muitas vezes são limitadas. Enzo, um dos alunos,

escolheu, por exemplo, homenagear o lendário Michael Jackson dançando suas músicas com muito orgulho”, diz.

Esse projeto é sobre cuidado e apoio mútuo. As crianças não apenas dançam juntas, mas se preocupam umas com as outras e, especialmente, com Wilma. Elas não hesitam em oferecer uma garrafa d’água ou corrigir a postura com um simples: “Tia, olha a postural!”. Esse senso de comunidade é o que torna o balé mais do que uma atividade extracurricular, ele se torna uma verdadeira família, onde todos são acolhidos e valorizados.

No entanto, essa jornada tem sido de muitas lutas. Daniele, responsável pela Arena Samol, compartilha a tristeza de perder algumas alunas ao longo do caminho, mas ressalta que com a ajuda de algumas mães solidárias, Wilma continua resistindo e inspirando com seu projeto. A emoção e o amor dessas crianças pelo balé são evidentes em cada atividade que realizam. Uma aluna até expressou seu entusiasmo, dizendo: “Tia, vou desenhar sobre o balé”. Elas vivem e respiram balé. Em cada atividade que realizam, em cada desenho que criam, lembram e celebram o poder do balé, mostrando que a dança é mais do que movimentos ensaiados. É uma expressão de liberdade, união e amor.

Museu como espaço de dança

Entendendo a importância dos museus enquanto espaços de troca e articulação com o território, Wilma deseja que os museus da Zona Portuária se abram mais para a linguagem da dança. “Já percebo a dança presente em vídeos em diversas exposições, como a do Funk, em cartaz no MAR. O abre-alas da mostra são as lindas coreografias de samba e passinho, mas isso também precisa aparecer ao vivo. É bom pra linguagem, e é interessante para os espaços culturais que ressignificam suas narrativas”, descreve Wilma.

Wilma Maria
Professora de dança

Um Caracol Bem Diferente

As quadrilhas juninas fazem parte das manifestações culturais brasileiras celebradas nos meses de junho e julho, se estendendo até agosto. Nesse contexto, no alto do Morro da Providência, a primeira favela do Brasil, um grupo se encontra com um objetivo em comum: dançar e difundir os festejos juninos.

Minha infância na Providência sempre esteve atrelada às manifestações culturais lá existentes. Tenho a memória de haver um número expressivo de pessoas que trabalhavam em prol da cultura naquela época. O que me fez crescer, de certa forma, acompanhando tanto as movimentações relacionadas ao período de carnaval (que dentro da Providência tem forte mobilização), quanto as das festas juninas que ocorriam na comunidade.

Iniciei como espectador desses movimentos, primeiramente acompanhando as pessoas que produziam as festas juninas, e logo depois passei a fazer parte dançando e produzindo. De lá para cá, não parei mais.

A quadrilha junina Estrela Dourada existe desde 1996, mas o projeto surgiu três anos antes, quando ainda nos apresentávamos com o nome de Arraiá do Chico Bento. Ou seja, esse projeto completa, em 2023, 30 anos de existência. São inúmeras histórias e memórias vividas ao longo do tempo, inúmeros integrantes que passaram pelo projeto e até casais que se formaram dentro da Estrela e que hoje constituem famílias. Temos mães que dançarana



década de 90, logo no comecinho do projeto, cujos filhos hoje dançam e fazem parte do atual corpo de dançarinos da quadrilha. Apesar de muitos integrantes darem continuidade, a quadrilha junina Estrela Dourada tem uma rotatividade de integrantes pujante, o que faz com que estejamos sempre renovando o corpo de dançarinos com o passar dos anos. Como grande parte dos projetos culturais, nos deparamos, durante a pandemia, com uma série de dificuldades que nos obrigaram a fazer uma pausa. Após o nosso retorno, a quadrilha acabou por expandir-se com a necessidade de criarmos também uma turma mirim.

Essa criação se deu por um fato peculiar: as crianças aglomeravam-se nos ensaios dos adultos, e expressavam o desejo de dançar e fazer parte da quadrilha. Hoje, a nossa quadrilha mirim possui cerca de 36 crianças que participam ativamente, inclusive colaborando, juntamente com as mães, na confecção dos figurinos. É através dessa mobilização conjunta, das crianças, das mães e dos próprios integrantes, que retemos recursos para a manutenção do projeto e quitação das despesas, seja produzindo festas (para possibilitar as apresentações da quadrilha nos outros lugares), seja com a venda de rifas.

Eu vejo a quadrilha Estrela Dourada como agente mobilizadora de criação, criatividade, conhecimento e também de mobilização social, preservação de memória e agregação comunitária. Ensaando na quadra da Samol, ou na praça, esse encontro diário ativa e possibilita que talentos sejam difundidos em vários aspectos. Seja quando criam e propõem passos para serem adicionados a coreografia (participando ativamente da criação das coreografias), seja quando costumam e definem coletivamente o figurino do ano por meio do tema escolhido. Esse fortalecimento constitui uma maneira de valorizar a cultura, difundir conhecimentos e organizar arquivos de uma trajetória que já dura 30 anos.

Jorge Alexandre - Quinzinho

Idealizador e coordenador da quadrilha Estrela Dourada



Foto :: Douglas Dobby

Quadrilha Estrela Dourada • Vamos lá •

Vou sacudindo a noite toda • Sou a Estrela Dourada uma quadrilha
arraiás vai dar ruim • Se chamar • Tu vai ver • Vou botar • Pra ferver • C
Vai dar ruim • Vou botar • Pra ferver • C
Dourada saindo da atmosfera • Frente, frente, frente
Quebra. Quebra. Quebra • Aperta o cinto • Modo t
Modo turbo • Quebra. Quebra. Quebra
No arraia • Pelos arraiás vou sacudindo a noite toda.
Eu já fui • No arraia • Pelos arraiás vou sacudindo a noite toda.
amou • Eu já fui • No arraia • Pelos arraiás vou sacudindo a noite toda.
o a galera • Quebra. Quebra. Quebra
ar em pé • Vambora! • Pelos arraiás vou sacudindo a noite toda.

Museu de Arte e Vida



Certamente você já deve ter visto alguém bocejar e sentiu vontade de fazer o mesmo, ainda que sem qualquer sensação de fadiga. Conforme algumas pesquisas indicam, o bocejo pode ser considerado um reflexo cerebral primitivo, o qual o torna contagioso e quase inelutável. Parece que com os sonhos acontece a mesma coisa. Nos versos da canção Prelúdio, de Raul Seixas, ele diz: “Sonho que se sonha só. É só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade.”

No teatro, tudo antes da cena, do que a gente vê no palco ou na rua, é sonho. “O meu sonho é exatamente poder participar dessa história do teatro. Vivenciar, sabe? Nesse momento estamos trabalhando em uma peça que fala sobre a energia de vida das mulheres da Gamboa. Das histórias de cada uma, das sobrevivências de cada uma de nós. Usamos muitos elementos do nosso acervo pessoal para a construção das

narrativas, como fotos, objetos afetivos e indumentárias”, comenta Lucy Félix, uma das 15 integrantes do grupo As meninas da Gamboa, que há 11 anos constrói espetáculos baseados no conceito de autoficção (onde as autoras são consideradas sujeitas de uma performance, sujeitas que representam papéis nas suas múltiplas falas de si).

O grupo As meninas da Gamboa também surgiu a partir de um sonho, mas antes disso precisamos falar de um outro sonho de anos anteriores. “Em 2007, o ator Marco Nanini estava procurando um lugar para fazer ensaios de peças teatrais e desenvolver trabalhos de nossos amigos. As atividades eram tão legais que no começo de 2010 decidimos abrir para os moradores acompanharem, amadurecendo o conceito de ensaios abertos. Percebemos grande interesse da população e vontade de estar envolvida no que acontecia ali. Ou seja, deu muito certo. E, em agosto do

mesmo ano, inauguramos o Galpão Gamboa como uma instituição de apoio e difusão cultural”, revelou ao Blog Porto Maravilha o produtor Fernando Libonati, sócio do Nanini no antigo empreendimento.



Nesse momento estamos trabalhando em uma peça que fala sobre a energia de vida das mulheres da Gamboa. Das histórias de cada uma, das sobrevivências de cada uma de nós.

Foi no mesmo Galpão Gamboa que a atriz Inez Viana sonhou com a ideia de ofertar aulas de teatro para pessoas da terceira idade, e assim surgiu o grupo As meninas da

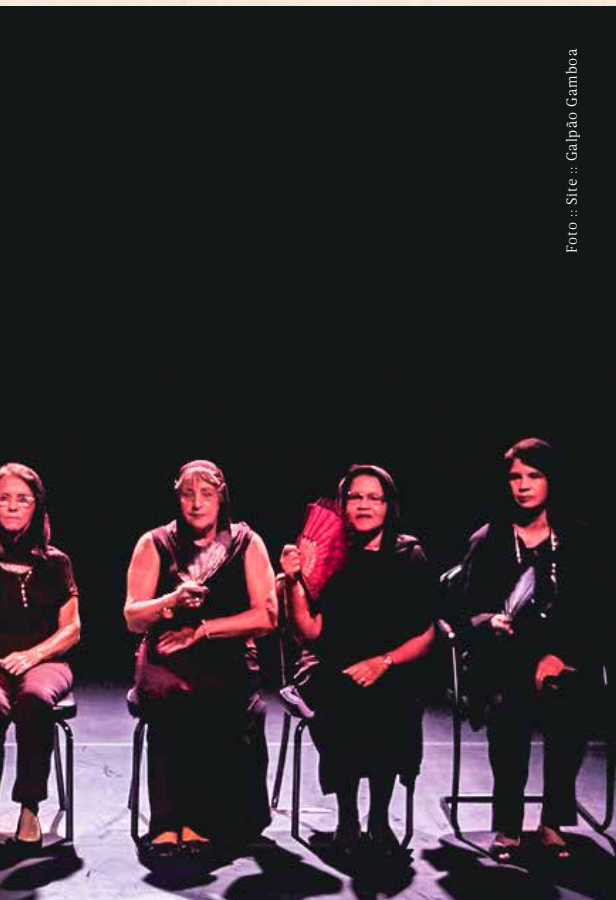


Foto :: Site :: Galpão Gamboa

dentro de um museu, dentro da arte viva. Não é um museu de arte morta, é um museu de arte viva”, afirma Lucy Félix.

As meninas da Gamboa, atualmente, são dirigidas por Luis Antonio Fortes, que também é o responsável por oferecer oficinas de teatro a partir de literaturas do acervo do MAR, o que inclui exercícios de cena e leituras dramatizadas em consonância com as práticas de fomento à leitura. Nessa parceria com a Escola do Olhar, surgiu uma proposta do educador de projetos Robnei Bonifácio, de cada uma das integrantes se apresentar a partir de um objeto afetivo, uma vez que seus pertences veiculam histórias de vida que estão fortemente ligadas à Zona Portuária e ao Rio de Janeiro. Os

depoimentos ajudaram a dilatar as noções de valor e o que pode atravessar um espaço museal. Ao contrário de museus que almejam possuir grandes acervos, com inúmeros objetos, esse exercício propunha pensar museus enquanto espaços de relações e afetos.

Rosa Alves, 79 anos (Santo Cristo)

Quando criança, achava que museu era coisa de velho. Agora não, agora é conhecimento. Olha como a gente aprende num museu. Olha como a gente aprendia naquele museu da Quinta da Boa Vista. Quando a minha mãe ficou mais mocinha, ela perguntava pelo pai. Ele morava em Portugal. Minha avó foi pra lá procurar o pai de minha mãe. Ela o encontrou e contou a história da família toda. Ninguém viu que ela estava grávida na época, e ele tomou um susto. “Depois você vai para o Brasil comigo. Você vai conhecer a sua filha”, disse a minha avó. Ele não acreditava. E minha mãe era a cara

do pai dela. Ele acabou vindo e trouxe esse presente para minha mãe em 1956. Ele gravou na madeira a data do aniversário da minha mãe. Ele era marceneiro, ele mesmo fez essa caixa que vai fazer 70 anos.

Ana Maria Borges, 69 anos (Santo Cristo)

Para mim este objeto é como se fosse uma relíquia. Foi a chefe de minha mãe que deu a ela, com quem trabalhou por 40 anos. Quando a chefe estava no leito de morte, pediu para que este prato ficasse com minha mãe, que depois passou pra

“**Quando criança, achava que museu era coisa de velho. Agora não, agora é conhecimento. Olha como a gente aprende num museu.**”

mim. “Ana Maria, este prato ficou comigo por 50 anos. Eu quero deixar pra você.” Eu tenho muito amor por isto. Eu vou passá-lo para meu filho. É algo de muito valor para mim, não tenho nada de maior valor que tenha lembrança dela. Ela tinha oito filhos e deixou

comigo. Isso representa muito. Eu olhava para os museus como coisas antigas quando era criança. Mas hoje eu já vejo de outra forma. Procuo levar meus netos para crescerem e terem uma noção do que é, a partir da visão deles.

Márcia Rodrigues, 79 anos (Gamboa)

Eu morava na Rua Barão de Ubá. No dia em que fiz 15 anos, fui à casa da tia do meu marido, que morava na vila. Eu cheguei toda feliz na minha festa, mas não chamei o Laércio Pinheiro, que seria futuramente meu marido. Achava ele sem graça, mas ainda assim ele quis me conquistar. Este livro aqui ele comprou na feirinha pra mim. Comprou em novembro de 1961. Tem 62 anos este livro. Ele me conquistava assim. Sabia que eu gostava de ler, então sempre comprava uns livros pra mim. Guardei de recordação dos meus 15 anos. O nome do livro é “O mundo que eu vivi”.

Gamboa. “O projeto começou em 2012 no Galpão Gamboa, oferecido pelo ator Marco Nanini. O sonho de sermos atrizes se realizou graças à querida Inez Viana, que tinha um projeto de fazer uma peça com pessoas da terceira idade atuando. E assim aconteceu, nos trazendo muita alegria, saúde física e emocional.

Esse projeto atende as moradoras da região e pessoas de outros bairros que queiram participar”, conta a integrante Laura da Costa.

Com o encerramento das atividades do Galpão Gamboa, o grupo migrou para o Museu de Arte do Rio, estabelecendo, definitivamente, uma relação entre teatro e um espaço museal. “É o museu atravessado por um teatro. Eu acho que é uma vivência nova, mas muito legal, porque de alguma forma a gente faz parte da história do museu. É incrível termos essa experiência de que mesmo sendo um grupo de teatro, você tá

Noemia Ferreira, 87 anos (Santo Cristo) Ganhei o melhor presente na vida. Sendo filha de português, eu tinha vontade de ir à Europa. Era sonho e virou realidade. Certo dia, o Mendes, meu companheiro por 40 anos, falou: “Vamos à Europa?”. Não acreditei muito. Fomos para Fátima, em Portugal. Quando chegamos, olhei logo este terço aqui. Parecia que era de ouro, brilhava muito. Queria o terço, mas não vendia porque estava na santa. Mas o Mendes conseguiu comprar. Foi um milagre ir a Portugal e à Espanha. Meu filho gosta de viajar. Ele viajou porque queria ir a Roma, lá no Papa, e trouxe para mim este terço preto. Meus terços valem como se tivessem mais de 100 anos. Como se fossem tesouros do passado. Museu é passado, mas agora está trazendo o futuro. Há coisas brilhantes. Conheço o museu como o passado de muita gente. Acho interessante mesmo. Poderíamos vir durante toda semana.

Laura Costa Ferreira, 81 anos (Morro do Pinto) Eu amo essas duas bonequinhas porque elas têm um valor afetivo muito grande para mim. Um dia, eu, minha filha e meu netinho, estávamos nas Lojas Americanas, lá em Campo Grande, e eu fiquei admirando a prateleira das bonecas. Aí ele disse assim, do jeitinho que criança pequena fala: “você gosta de boneca?”. Na minha infância só tive boneco. E eu gosto de boneca, nunca ganhei uma. Sem eu perceber, ele pediu pra mãe comprar uma e me ofereceu. Isto aqui pra mim é uma relíquia, porque meu neto é meu amor maior, é um amor maravilhoso. Olho para elas e elas estão sempre à vista.

Alice Araújo, 88 anos (Santo Cristo) Este livro eu ganhei da minha irmã, logo depois que casei, quando estava grávida do meu primeiro filho em 1958. Ela me deu pra fazer enxoval de bebê. Eu gosto tanto dele que já está amarelinho, velhinho, mas guardo com tanto carinho... e ela já faleceu tem uns 20 anos. Meu filho agora tem 63 anos e se chama Sérgio.

Maria Angela Botelho, 80 anos (Saúde) Sobre museus, eu acho interessante. Sejam coisas antigas ou modernas. Modernas, às vezes, eu não entendo. Mas paisagens e rostos antigos eu gosto. Me interessam. Eu fiquei doida procurando algo que pudesse remeter ao passado, porque eu me desfiz de muita coisa. Sou da Gamboa há muitos anos. Aos 14, eu vim parar aqui por acaso, porque eu não sou daqui, mas de Niterói.



Sobre museus, eu acho interessante. Sejam coisas antigas ou modernas. Modernas, às vezes, eu não entendo. Mas paisagens e rostos antigos eu gosto. Me interessam.

Eu tinha um padrinho português, que era dono de uma charutaria aqui no edifício A Noite. Ele era rico. Ele saía e vinha para o Cais do Porto para fazer compras. Me chamava: “Maria, vem cá! Tenho um negócio para você”. Até que um dia meu marido se encontrou com ele e comentou comigo depois: “Ele já foi comprar muamba”. Tudo que ele me dava vinha do Cais e dos navios. Esta xícara aqui faz parte. Isto aqui é japonês, né? Tenho um aparelho de jantar completo, todo feito de louça portuguesa que ele me deu. Ele não saía dali de dentro. Tudo na casa dele era coberto de louça na parede. Você nem imagina quanta coisa ele tinha. E meu marido sempre trabalhou ali a vida toda. Nunca saiu do Cais. Por isso que eu nunca saí do bairro. Casei e criei dois filhos, tudo aqui dentro da Gamboa. O pai dele tinha uma bela casa naquela época, que é bem ali na esquina da Sacadura, que hoje tem um depósito. A vida do meu marido também foi toda no bairro.

Terezinha Renovato, 80 anos (Flamengo) Eu sou nordestina de Alagoas. Cheguei aqui no Rio de Janeiro com 24 anos e hoje estou com 80. Em dois meses, conheci um rapaz por aqui. Era 1968. Me casei e tive dois filhos. O objeto que guardo com carinho é um relógio. Com ele tenho muitas lembranças boas. Hoje sou viúva, tenho dois netinhos – uma com 18 anos, o outro com oito meses. Me receberam muito bem aqui na Gamboa. Aqui no projeto só eu sou moradora da Zona Sul.

Teodora Fernandes, 73 anos (Gamboa) Meu nome é Teodora Fernandes Alves e moro no bairro da Gamboa. No dia 3 de abril de 1977, eu cheguei no Rio de Janeiro vinda do Maranhão. No final do mesmo ano, eu fiz inscrição no Bob's. Fui da primeira turma de mulheres que entrou no Bob's em 1978. Queriam me botar na parte da tarde, mas eu não quis. Só quis de manhã. No final de 78, teve o primeiro amigo oculto da gente. Ganhei isto aqui. No final de 1979, eu ganhei este. Tinha uma tampinha, mas quebrou, era de plástico. Trabalhei por oito anos no Bob's. Quando eu fiz a inscrição, fui para aquela filial da Avenida Brasil. Depois abriram uma loja só para mulheres em Copacabana, onde trabalhei quatro anos e, depois, mais quatro anos no Largo da Carioca. A gente trabalhava fazendo tudo. Cheguei a realizar curso para atendente de caixa, só que eu não quis assumir. Era muita responsabilidade. Ainda tenho minha carta de recomendação de quando saí.

Vera Lúcia da Silva, 68 anos (Saúde) Acho o museu uma coisa maravilhosa. É ótimo. Um lugar onde aprendemos e que a gente aproveita pra relaxar, se distrair. Minha avó morava no Morro da Conceição. A Praça Mauá me remete muito à minha avó. Tenho muitas saudades. A gente morava em Caxias e era uma viagem vir de lá com quatro crianças. Eu ficava muito cansada. Era aquela loucura: pegava o trem, saltava na Leopoldina e depois pegava o

bonde. A gente saltava aqui embaixo, na subida que tem ali perto da Pedra do Sal era uma escadaria. Vovó morava num cortiço próximo da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Ela morreu com quase 100 anos. Eu devia ter uns 15 ou 16 anos quando nos mudamos para Saúde. Hoje estou com 68. Sem condições de criar meu pai e meu tio, eles foram enviados para a Marinha. Lá dentro, meu pai virou músico. Ele começou a tocar no carnaval. Ia para os clubes, faziam bailes. Ele não era meu pai biológico, mas me registrou quando eu tinha sete anos. Ele morreu com 90 anos. Eu sabia que ele não era meu pai, mas eu nunca falei para eles. Ele me tratou com muito carinho. Minha avó também nunca falou que ela não era minha avó, porque, às vezes, têm pessoas de mais idade que falam assim: “você não é minha neta”.

Rita Noemia, 75 anos (Gamboa)

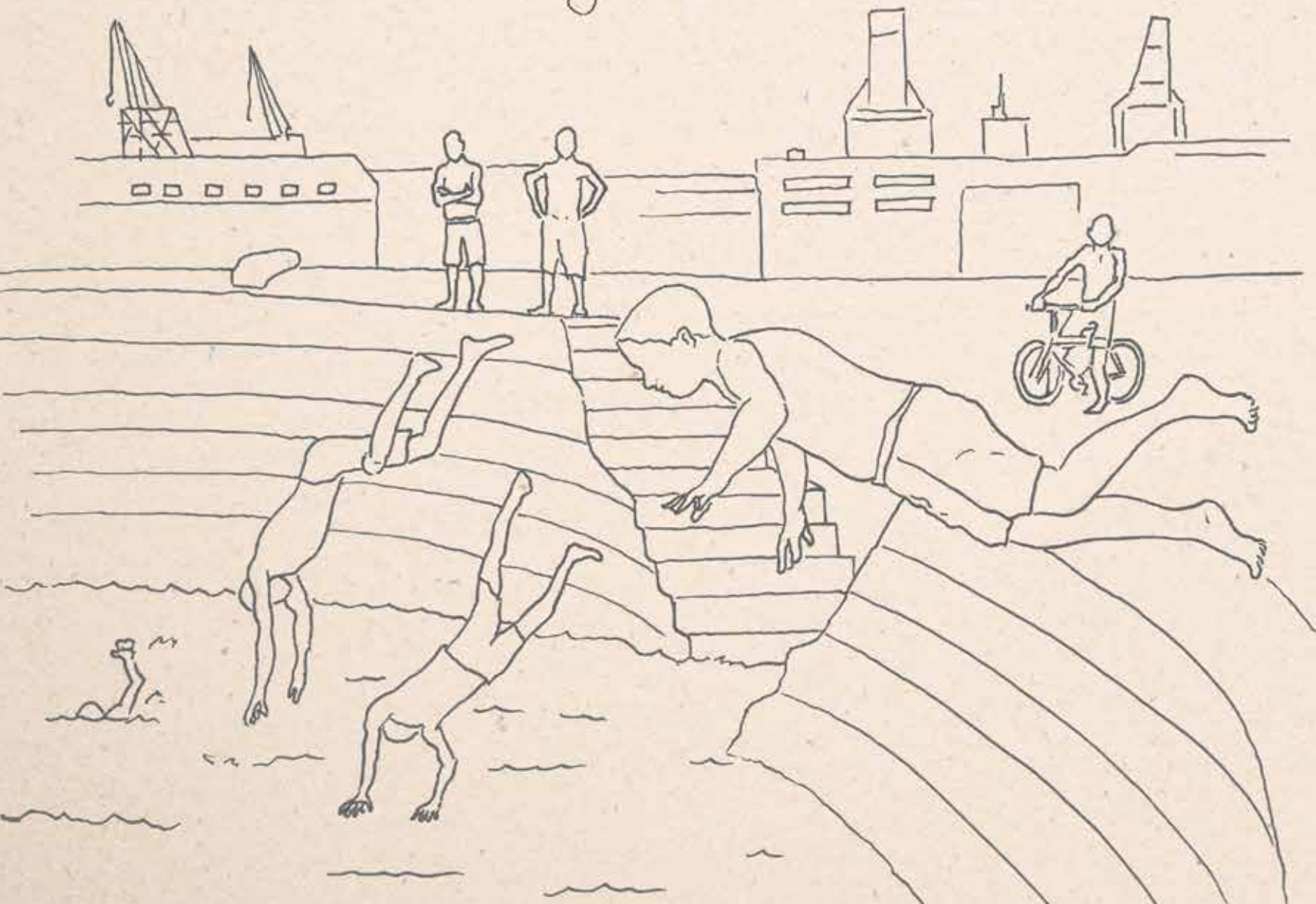
Estas fotos são recordações do casamento da minha irmã. Eu tinha, na época, 5 aninhos. Naquele tempo tiravam poucas fotos. Eu, como sempre, ia exibida. Todo mundo se juntava para tirar foto. A outra foto é uma grande recordação da Vizinha Faladeira quando eu desfilei. Cada um era de uma ala. Na época eu bebia. Era latinha aqui, latinha lá. Larguei meu marido e fui dançar com outro cara. Na frente de um jurado. Fiquei até o final, porque ele teve que julgar, dar nota, essas coisas. Eu fui lá me apresentar.

Alice Araújo, Ana Maria Borges, Angélica da Silva, Elza Bonfim, Laura Costa Ferreira, Márcia Rodrigues, Maria Angela Botelho, Maria Helena Barbosa, Maria Luiza da Conceição, Noemia Ferreira, Rita Noemia, Rosa Alves, Teodora Fernandes, Terezinha Renovato, Vera Lúcia da Silva
Participantes do projeto Memórias/Meninas da Gamboa

Inez Viana e Luis Antonio Fortes
Diretores do grupo de teatro Meninas da Gamboa



INFÂNCIAS NO TERRITÓRIO



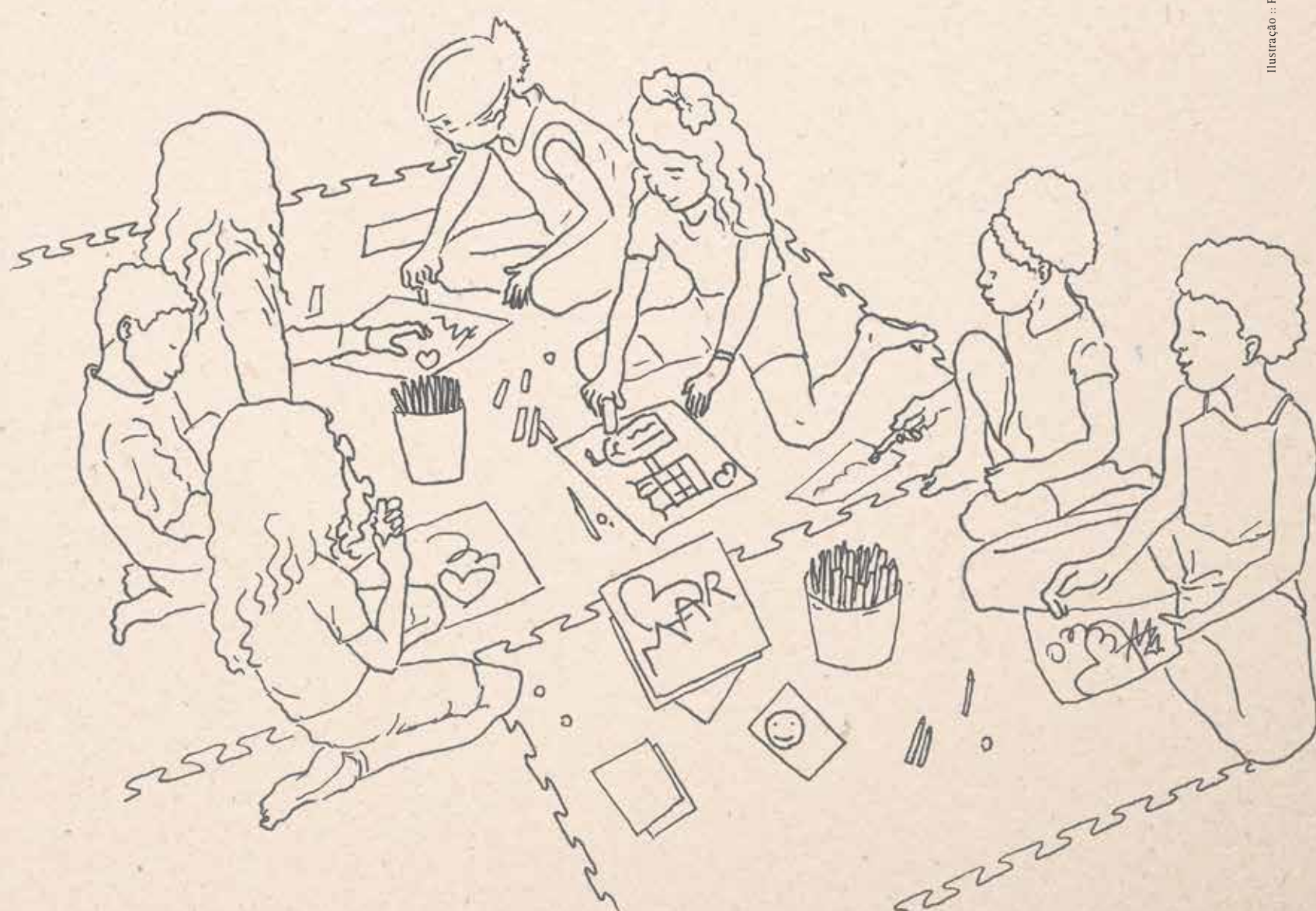




Foto: Beatriz Gimenes

Caminhos Possíveis

Sou professora da Rede Municipal de Ensino, criada na Gamboa, formada em Pedagogia pela UniRio e em Serviço Social pela UVA. Há oito anos dou aulas para crianças do Espaço de Desenvolvimento Infantil Antônio Raposo Tavares, que fica próximo à Praça da Harmonia, na Zona Portuária. Também tenho atuação nas redes sociais através do perfil Redescubra Zona Portuária, onde apresento diversos locais e eventos do campo artístico e cultural, com dicas que facilitam o acesso às opções de lazer que, muitas vezes, estão fora do radar das classes mais populares.

Durante a juventude morei com a minha mãe em uma ocupação da região, e graças às oportunidades que nos foram oferecidas, juntas, conseguimos mudar um paradigma comum às famílias do território. O caminho que percorri foi através da leitura, e o gosto por livros fez com que aprofundasse meus estudos, vindo a me formar como pedagoga.

Enquanto professora, entendo a educação como potência transformadora e me preocupo com uma abordagem de ensino combatente ao racismo, ativando práticas pedagógicas que ajudam as crianças negras a desenvolverem senso de pertencimento e dignidade, ainda mais trabalhando na região da Pequena África.

Combatendo o racismo dentro e fora da escola

O fazer pedagógico acontece com a participação das crianças, e a escola é pertencente a elas. As crianças constroem a escola. É baseada nelas.

Infelizmente, o ambiente escolar ainda reproduz os discursos que atravessam o cotidiano. Se vivemos em uma sociedade preconceituosa, as violências coloniais, racistas e machistas também poderão ser replicadas em sala de aula. Cabe à comunidade escolar, em diálogo interno e com outras instituições e grupos sociais, adotarem métodos que

desconstroem estereótipos, visando o crescimento e a emancipação dos estudantes.

Tendo em vista as carências que os corpos negros enfrentam, venho questionando quais espaços podem ser disputados, especialmente pelas crianças. Como o corpo infantil negro se coloca no território da Zona Portuária?

A Pequena África carrega a herança de ancestrais que lutaram por nossa liberdade. Herança essa que não apenas está ligada a um passado de violências, mas às riquezas das várias manifestações culturais e artísticas. Esse legado pertence também às crianças. Conhecer as histórias, os símbolos e as imagens que nos representam de modo empoderado faz toda a diferença na formação dos primeiros anos de vida.

Penso que a educação infantil é a fase mais importante. Porque é dali para frente que a criança vai seguir uma linha de pensamento.

No espaço de desenvolvimento infantil em que trabalho, colaboro com a coordenadora, com as pedagogas e, em especial, com o professor de educação física, o André Cavalcanti, criando aulas que incluem jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras como parte

de microações afirmativas para crianças pequenas. O caráter lúdico é inseparável dessas práticas, de modo que elas possam aprender brincando.

Junto à equipe pedagógica desenvolvi o Projeto Dandara, pelo qual várias bonecas negras foram distribuídas para as crianças. Cada boneca vinha acompanhada de um QR code que simula roupinhas inspiradas em diversas profissões: astronauta, professora, médica. Além disso, personalidades negras também são apresentadas através do QR code.

Um dos entraves na escola era de que forma a figura masculina, os pais, iriam aceitar ver os meninos com uma boneca. Mesmo as crianças, entre elas, encontravam barreiras. Eu falava para os garotos: você pode ser o pai dela, o padrinho, um tio, ou professor dela. Existem muitas maneiras de se brincar com a boneca.

Ocupando museus

Para mim, museu é vivência. Ele não é parado, estático. Não é só um espaço expositor. É vivo, cíclico, gira.

O museu é vivo.

Os museus são espaços tradicionalmente vinculados ao poder. De que forma podemos pensar museus

enquanto espaços educativos e acolhedores, especificamente para as crianças negras?

Café com Vizinhos do MAR

Tendo a pergunta “o que é um museu?” como norteadora, elaborei uma atividade que uniu vizinhas e vizinhos de todas as idades. Criamos desenhos, frases e expressões que dilataram o conceito de museu. Lápis de cor, cola e canetinhas foram alguns dos materiais usados no processo criativo de respostas possíveis para museus que desejamos.

O que fazer para que espaços culturais melhor recebam o público feminino? Como dar a devida atenção às crianças?

Algumas respostas foram:

“O museu poderia ter brinquedos.”

“Como receber os corpos que menstruam? Deveria ter absorventes gratuitos nesses espaços, nos banheiros, por exemplo.”

Monique Farias

Professora da Rede Municipal de Ensino



Memória dos nossos

Saudade e felicidade. Foram essas as palavras que as crianças da Ocupação Elma, localizada na Rua do Livramento, usaram para se referir a Sônia Maria Machado, importante liderança comunitária da região e fundadora da Biblioteca Elma.

Dona Sônia, como era conhecida por todos na Zona Portuária, faleceu em dezembro de 2022, mas deixou um legado de assistência às crianças moradoras de sua comunidade e ocupações vizinhas. Incansável e sensível às causas sociais, trocou sua casa na Zona Oeste do Rio pela Ocupação Elma, pois entendia que, enquanto morar fosse considerado um privilégio, ocupar seria um direito. Organizava sua militância através do núcleo de base do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), onde auxiliava nas reuniões, coordenando, chamando pessoas e criando estratégias para os cuidados com os pequenos.

“A Dona Sônia nos ajudou muito nesse processo de formação, inclusive de lideranças. Ela era uma pessoa que vinha de uma luta comunitária forte, tinha formação católica e religiosa. Era evangélica e sempre teve um pouco dessa pegada social. Foi uma companheira que nos proporcionou ter núcleos cheios e coesos. Ela conseguia identificar as pessoas, e isso é muito o conhecimento da rua”, comenta Renan Carvalho, coordenador nacional do MLB no RJ. Ele ainda ressalta o papel do movimento: “a gente forma um

movimento que luta pela reforma urbana e pelo socialismo, e não nos pautamos só nas conquistas econômicas da casa própria, mas entendemos os processos de luta, de conquistas de direitos, sejam eles quais forem”, diz.

RETRATO COLETIVO - Dona Sônia presente!

Em nossa última edição da publicação O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona, dedicamos um artigo à Biblioteca Elma na seção de cartografias. Agora, em 2023, voltamos a falar desse espaço tão importante, destacando o legado de Dona Sônia, que foi celebrada este ano em duas oficinas do Museu de Arte do Rio. As atividades aconteceram na Escola do Olhar e na Biblioteca Elma (que vai mudar o nome para Biblioteca Sônia Maria). Tassiana Nascimento – atual líder e organizadora da biblioteca – destaca que convocou diversas crianças da ocupação para participarem das oficinas ministradas pelos educadores do MAR, Tatiana Paz e Robnei Bonifácio. Em um dos encontros, os jovens utilizaram uma das salas da Escola do Olhar realizando propostas lúdicas e brincadeiras. Junto com os mediadores, foram

instigados a pensar a ideia de museu a partir da memória, rememorando lembranças afetivas relacionadas ao espaço da Biblioteca Elma e à Dona Sônia. Tassiana, contagiada de felicidade, produziu algumas pinturas ao lado das crianças. Aos poucos, cada jovem foi pegando a cópia de uma ilustração retratando Dona Sônia para

Ilustração :: Robnei Bonifácio



decalcar (técnica utilizada para transferir imagens gráficas de uma superfície a outra) a imagem com lápis.

Depoimento de Tassiana sobre Dona Sônia

“Eu vim morar na Ocupação Elma e soube que uma senhora chamada Dona Sônia, moradora do primeiro andar, estava oferecendo doações. Eu estava com minha filha pequena quando ela pediu para que fôssemos lá. Dessa forma, fiquei sabendo do trabalho que ela realizava com

a comunidade. Dona Sônia tinha mais de 200 livros guardados em casa. Ficava tudo no primeiro andar.

Ela guardava tudo com o maior carinho. Tinha um computador adquirido com muita luta.

Também comprou uma impressora nova para trabalhar aqui quando tudo estivesse pronto. Ela vinha desenvolvendo um trabalho, buscando doações, atendendo as crianças. Tinha um amor enorme por essa comunidade, por essas crianças. Quando recebia dinheiro comprava presentes para todo mundo, fazia bolo. A Irmã Sônia era uma verdadeira guerreira. Uma mulher de 65 anos, que além de faxineira, também trabalhava cuidando de idosos e tudo o que

recebia, usava na alimentação das crianças. Até mesmo a cesta básica que ela ganhava, doava. Não ficava com nada. Ela falava: ‘Baixinha, eu não preciso de nada. Eu sou sozinha, não tenho filhos, então não preciso de muita coisa.’

Irmã Sônia era uma bênção nas nossas vidas. Eu nunca vi uma pessoa igual a ela. Nem eu que faço a continuação do trabalho dela, um dia serei igual. O amor dela era inigualável. Nunca vai ter uma pessoa que chegue aos pés da irmã Sônia. O amor dela com essa comunidade e até mesmo comigo. Éramos muito amigas. Ela foi pegando confiança, eu também, e quando percebi, já estava me dando conselhos. Ela era não só uma colega de projeto, mas uma amiga, quase uma mãe para mim.

Aqui no projeto, por ela ser a mais velha, a gente tinha o maior respeito. Nós sentávamos numa mesa. Pensa na humildade.

Ela tinha o poder de falar ‘não, não’. Era mais velha, tinha sabedoria. Sempre foi desse jeito: humilde, boa, prestativa.

Nunca falou um não. Se você estivesse precisando dela e ela estivesse deitadinha e alguém batesse em sua porta... todo mundo batia na porta de Dona Sônia. A irmã Sônia não descansava. E ela atendia todo mundo do mesmo jeito: com um sorriso.

Ela nunca me tratou diferente.

Ela tinha sonhos, estava feliz. E pensar que ela poderia construir, fazer isso. Queria sorrir.

Ela não falava do passado. Dona Sônia não falava nada sobre a família. Uma vez me contou que seu pai era muito rígido e que foi criada na rédea curta, mas decidiu por ela mesma sair da casa dela e viver a própria vida.

Dizia assim: ‘Baixinha, eu sempre ajudei aqueles que precisam.’

E ela não precisava morar aqui na ocupação. Ela tinha o apartamento dela, a casa dela lá fora.

Ela falava que não teve infância. Não foi fácil, porque o pai era do quartel, era muito durão, mas ela superou.

Um exemplo de mulher guerreira, batalhadora. Sempre morou sozinha. Sempre independente, sempre trabalhou para ter suas coisinhas. Sempre foi essa guerreira, de lutar pelo próximo. Aliás, lutar mais pelo próximo do que por ela mesma.

Ela deixou um legado. Legado esse que venho trabalhando na Ocupação Elma. Eu tento levar os ensinamentos que ela me deixou. Claro, de outra forma, diferente, porque a forma que ela levava era sem igual. Era única. Ela com o jeitinho dela de dizer sim pra tudo. De estar bem, mesmo quando não estava tão bem.

Ela foi um exemplo de força, de luta, de garra.

O que eu quero é que não acabe, pois eu luto para manter. Manter o que ela construiu junto de nós. Ainda sonho em construir um espaço com livros e botar o nome dela.

O meu desejo é continuar atendendo as crianças.

A rotina dela era exatamente pelas crianças. A maior felicidade dela era ganhar as cestas básicas. O tempo todo no telefone, pediam doações [a ela]. Todo mês de dezembro ela conseguia 30 cestas básicas para mães e crianças que ela apoiava. Pagava transporte para trazer aqui na ocupação.

Dona Sônia era muito amor!”

Tassiana Nascimento
Coordenadora do projeto Mulheres da Gamboa

Tatiana Paz
Educadora da Escola do Olhar

Considerações Finais

A edição 2023 da publicação O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona revela rostos e gestos de moradores que promovem revoluções diárias nessa ponta da cidade, sejam elas através de ações comunitárias, no trabalho de base ou na tessitura de novas narrativas sobre a região da Zona Portuária – um lugar marcado por ser a principal porta de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas.

Confesso que foi um deleite ler e editar textos tão diversos, um verdadeiro convite a conhecer pessoas e mergulhar ainda mais no território da Mini África, como aprendi aqui. São textos que versam sobre temas afetivos, de memória, impacto social, desejo, e que, de alguma forma, nos enchem de esperança por tempos melhores.

Construir um jornal é um processo completamente artesanal, coletivo e muito, muito trabalhoso. Boa parte dos escritos desta edição partiram de exercícios e jogos propostos pela equipe de educadores da Escola do Olhar, que tinha como premissa discutir, pensar e elaborar junto com os vizinhos a ideia de “o que é um museu?”. Foram diversos encontros, dentro e fora das paredes do MAR, e horas e horas de conversas gravadas e transcritas, fazendo valer o conceito de história oral – fundamental para a compreensão do passado, para ajudar a entender o tempo presente e corroborar com o desenho de futuro.

O resultado desse trabalho é uma publicação que aponta para o amanhã através da perspectiva de pessoas adultas, idosas, crianças, jovens, negras, LGBTQIAPN+ e mulheres, entendendo que apesar do peso do mundo, podemos mais, mas só conseguiremos se seguirmos juntos. Esta edição d’Olhar dos Vizinhos é um convite a isso.

Bora?

Alex Teixeira

Editor de conteúdo do Jornal dos Vizinhos de 2023



CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Edição Geral

Patrícia Marys
Giulia de Vito
Robnei Bonifácio
Ruanna Sander

Produção Editorial

Locomotora Produções

Editor de conteúdo

Alex Teixeira

Revisão

Raquel Martini Carriconde
*coletivo paraponera: edição e
revisão de escritas*

Design

augusto batista
João Gabriel Peixoto

Ilustração

Robnei Bonifácio

Fotos

Beatriz Gimenes
Douglas Dobby
Rita Valentim
Robnei Bonifácio

Impressão

WSM Gráfica

Colunistas

Alexandre Araújo
Alice Araújo
Ana Maria Borges
Angélica da Silva
Antônio Carlos Rodrigues
Bruna Almeida
Bruna Ferreira
Camilla Brito
Daiani Araújo
Elza Bonfim
Igna Laxxota
Inez Viana
Jorge Alexandre
Laura Costa Ferreira
Luis Antonio Fortes
Luís Felipe Duarte
Marcela Miranda
Márcia Rodrigues
Maria Angela Botelho

Maria Helena Barbosa
Maria Luiza da Conceição
Moisés Oliveira
Monique Farias
Noemia Ferreira
Patrícia Marys
Rafaela Rodrigues
Rita Noemia
Robnei Bonifácio
Rosa Alves
sidney machado
Tassiana Nascimento
Tatiana Paz
Teodora Fernandes
Terezinha Renovato
Thaynar Vieira
Vera Lúcia da Silva
Vinicius Almeida
Wilma Maria

**ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS
IBERO-AMERICANOS (OEI)
ORGANIZACIÓN DE ESTADOS
IBEROAMERICANOS (OEI)
ORGANIZATION OF IBERO-
AMERICAN STATES (OEI)**

**MUSEU DE ARTE DO RIO
MUSEO DE ARTE DE RÍO
RIO ART MUSEUM**

MARIANO JABONERO
Secretário-Geral da OEI
Secretario General de OEI
General Secretary of OEI

RAPHAEL CALLOU
Diretor-Geral de Cultura da OEI
Director General de Cultura de OEI
General Director of Culture of OEI

LEONARDO BARCHINI
Diretor e Chefe da Representação
da OEI no Brasil
Director y Jefe de la Representación
de la OEI en Brasil
*Director and Head of the OEI
Representation in Brazil*

SANDRA SÉRGIO
Diretora Executiva do MAR
Directora Ejecutiva del MAR
Executive Director
Coordenadora Nacional de Projetos
Especiais da OEI no Brasil

Coordinadora Nacional de Proyectos
Especiales de la OEI en Brasil
*National Special Projects
Coordinator in Brazil*

ALEXANDRO LIMA
Coordenador-Geral de
Administração
Coordinador de Administración
General
General Administration Coordinator

AMIRA LIZARAZO
Coordenadora Nacional de
Administração e Finanças
Coordinadora Nacional de
Administración y Finanzas
*National Administration and Finance
Coordinator*

RODRIGO ROSSI
Coordenador Nacional de
Cooperação e Desenvolvimento
Coordinador Nacional de
Cooperación y Desarrollo
*National Cooperation and
Development Coordinator*

**LÍCIA MOURA
LUIZ JOSÉ DA SILVA**
Gerentes Nacionais de Administração
Gerentes de la Administración
Nacional
National Administration Managers

TELMA TEIXEIRA
Gerente Nacional de Implementação
Gerente Nacional de Implementación
National Implementation Manager

FÁBIO FERREIRA MENDES
Gerente Nacional de Tecnologia
Gerente Nacional de Tecnología
National Development Analyst

MARCELO CAMPOS
Curador Chefe
Curador Jefe
Chief Curator

AMANDA BONAN
Gerente de Curadoria
Gerente de Curaduría
Curatorship Manager

ANDRÉA ZABRIESZACH DOS SANTOS

Gerente de Museologia
Gerente de Museologia
Museology Manager

CARLA CAL

Gerente de Relações Institucionais
Gerente de Relaciones Institucionales
Institutional Relations Manager

JAQUELINE ROVERSI

Gerente de Eventos
Gerente de Eventos
Events Manager

MARCELO ANDRADE

Gerente de Comunicação
Gerente de Comunicación
Communication Manager

MATHEUS SILVA

Gerente de Planejamento e Projetos
Gerente de Planificación y Proyectos
Planning and Project Manager

PATRÍCIA MARYS

Gerente de Educação e Escola do Olhar
Gerente de Educación y Escola do Olhar
Education and Escola do Olhar Manager

STELLA PAIVA

Gerente de Produção
Gerente de Producción
Production Manager

ALAN MARTINS

Analista Financeiro
Analista de Finanzas
Financial Analyst

ALVERINDO BORGES

Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

AMANDA MINGUTA

Assistente Administrativa
Asistente Administrativa
Administrative Assistant

AMANDA REZENDE

Assistente de Curadoria
Asistente de Curador
Curator Assistant

BERNARD GOTELIP

Supervisor de Design
Supervisor de Diseño
Design Supervisor

BRUNA NICOLAU

Museóloga
Museóloga
Museologist

CAROLINE SILVA

Analista de Infraestruturas e Sistemas
Asistente de Infraestructuras y Sistemas
Infrastructure and Systems Assistant

CAYO LIMA

Assistente Administrativo
Asistente Administrativo
Administrative Assistant

DAIANI ARAÚJO

Educadora
Educadora
Educator

DAVI ARCOVERDE

Estagiário de Museologia
Pasante de Museología
Museology Intern

ENZO ACCIOLY

Assistente Financeiro
Asistente Financiero
Financial Assistant

FELIPE VIANA

Produtor da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer of Escola do Olhar

FLÁVIA MIRANDA

Assistente de Design
Asistente de Diseño
Design Assistant

GABRIELA RODRIGUEZ

Estagiária de Biblioteconomia
Pasante de Biblioteconomía
Librarianship Intern

GUILHERME CARVALHO

Educador
Educador
Educator

GRAZIELA SIMÕES

Estagiária de Museologia
Pasante de Museología
Museology Intern

ISABELA CRUZ

Assistente de Gestão de Acervo Museológico
Asistente de Gestión de Colecciones de Museo
Museum Collection Management Assistant

JEAN CARLOS

Assistente de Curadoria
Asistente de Curador
Curator Assistant

JOÃO GABRIEL PEIXOTO

Assistente de Design
Asistente de Diseño
Design Assistant

JOSECLEITON DOS SANTOS

Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

KAREN MERLIM

Bibliotecária
Bibliotecaria
Librarian

LUCIANA NEPOMUCENO

Assistente Administrativo da Escola do Olhar
Asistente Administrativa de la Escola do Olhar
Administrative Assistant of Escola do Olhar

LUCIANO PEREIRA

Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

LUANA SANTOS

Assistente de Gestão de
Acervo Museológico
Asistente de Gestión de
Colecciones de Museo
*Museum Collection
Management Assistant*

LUCAS PIRES

Produtor Executivo
Productor Ejecutivo
Executive Producer

MARCOS INÁCIO MEIRELES

Supervisor de Montagem
Supervisor de Instalación de
Obras de Arte
Artwork Installation Supervisor

MARIA RITA VALENTIM

Analista de Educação
Analista de Educación
Education Analyst

NARA CAMPOS

Bibliotecária e Mediadora Cultural
Bibliotecaria y Mediadora Cultural
Librarian and Cultural Mediator

NATHAN GOMES

Assistente de Operações e T.I
Asistente de Operaciones y TI
Operations and IT Assistant

NICHOLAS BASTOS

Assistente de Produção
Asistente de Producción
Production Assistant

PRISCILLA CASAGRANDE

Assessora de Imprensa
Asesora de Prensa
Press Advisor

PRISCILLA SOUZA

Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

PRISCILA ZURITA

Assistente de Museologia
Asistente de Museología
Museology Assistant

RENATA DE ALMEIDA

Assessora de Comunicação
Asesor de Comunicación
Communication Advisor

RENATO DIAS

Montador
Técnico de Instalación de
Obras de Arte
Artwork Installation Technician

ROBNEI BONIFÁCIO

Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

ROSINALDO JOSÉ DE OLIVEIRA

Supervisor de Manutenção
Técnico de Mantenimiento
Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

RUANNA SANDER

Produtora da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer of Escola do Olhar

SATURNO DOUGLAS

Assistente de Produção
Asistente de Producción
Production Assistant

TAINA RIBEIRO

Estagiária de Museologia
Pasante de Museología
Museology Intern

TATIANA PAZ

Educadora
Educadora
Educator

THAINÁ NASCIMENTO

Assistente de Projetos
Asistente de Proyecto
Project Assistant

**PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO CITY HALL
AYUNTAMIENTO DE RIO
DE JANEIRO****EDUARDO PAES**

Prefeito
Alcalde
Mayor

MARCELO CALERO

Secretário Municipal de Cultura
Secretario Municipal de Cultura
Municipal Secretary of Culture

ANA PAULA TEIXEIRA

Subsecretária de Gestão
Subsecretaria de Gestion
Undersecretary of Management

MARIANA RIBAS

Subsecretária Executiva
Subsecretaria Ejecutivo
Executive Undersecretary

FLÁVIA PIANA

Chefe de Gabinete – SMC
Jefe de Gabinete
Chief of Staff

HELOÍSA QUEIROZ

Gerente de Museus
Gerente del Museos
Museums Manager

**CONSELHO MUNICIPAL DO
MUSEU DE ARTE DO RIO –
CONMAR**

CONSEJO MUNICIPAL DEL MUSEO
DE ARTE DE RÍO
*MUNICIPAL COUNCIL OF THE RIO
ART MUSEUM*

LUIZ CHRYSOSTOMO

Presidente
President

**JOSÉ ROBERTO MARINHO, GENY
NISSENBAUM, HUGO BARRETO,
LUIZ PAULO MONTENEGRO,
MARCELO CALERO, PAULO
NIEMEYER FILHO, PEDRO
BUARQUE DE HOLANDA, RONALD
MUNK, EDUARDO CAVALIERE**

Conselheiros
Consejeros
Counselors

INSTITUTO ODEON

Correalização
Co-realización
Co-realization

CARLOS GRADIM

Diretor Artístico
Director Artístico
Artistic Director

ROBERTA KFURI

Diretora de Operações e Finanças
Directora de Operaciones y Finanzas
Chief financial officer

EMILIA PAIVA

Diretora Executiva
Directora Ejecutiva
Executive Director

MÁRCIA REGO

Coordenadora de Produção
Coordinador de Producción
Production Coordinator

**FELIPE MAIA, IUNA PATACHO,
RENATO ALEXANDRE**

Equipe de Produção
Equipo de Producción
Production Team

**ALEXA OLIVEIRA, ALICE CORRÊA,
ANDRÉ BIRON, DOUGLAS BASTOS,
LEANDRO MORAES, LETÍCIA
FALCÃO, RAPHAELA MACHADO,
RAQUEL ASSIS, THAYNARA ROSA,
VINÍCIUS GALVÃO**

Equipe Técnica
Equipo Técnico
Technical Team

THAYNÁ TRINDADE
Assistente de Curadoria
Asistente de Curador
Curator Assistant

**CONSELHO DO
INSTITUTO ODEON**

BRUNO PEREIRA
Presidente
President

**ADRIANA KARLA RODRIGUES,
RENATA SALLES, INGRID MELO,
MÔNICA BERNARDI, GUILHERME
PERPETUO, ELOISA GONÇALVES,
HELGER LOPES, WALTER FILHO**
Conselheiros
Consejeros
Counselors

Ficha catalográfica Jornal dos Vizinhos

O45 O Olhar dos vizinhos no jornal da zona. – v. 6, (2018-). – Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio: Escola do Olhar, 2023.

v. 6 .: il.; 32cm

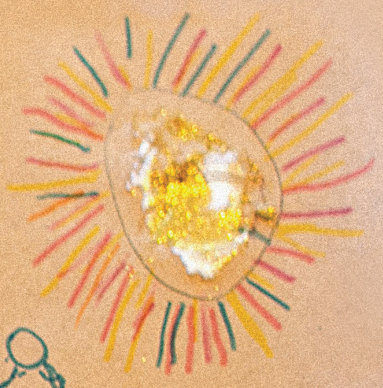
Anual, 2018-.

1. Arte-Educação – Pesquisa – Periódicos 2. Mediação Cultural – Museus. 3. Território – Vizinhos – Museu de Arte Rio de Janeiro. I. Marys, Patrícia. II. Vito, Giulia de III. Bonifácio, Robnei. IV. Sander, Ruanna. V. Museu de Arte do Rio. VI. Organização dos Estados Ibero-americanos.

CDU 37(05)"550.1"

Bibliotecária: Karen Merlim – CRB-7 /7101

MORRO DA PROVIDENCIA
Grupo da Melhor idade do Tatu



Seuzuza
Elyzavira
Alice
LORENA
ANA
Laura
Vanessa
MARILENA



MANTENEDOR



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO

APOIO



PARCEIRO DE MÍDIA



APOIO ESCOLA DO OLHAR



CULTURA

GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



CULTURA

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

